

## APRESENTAÇÃO

**CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS**

Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

**CAMILA DIOGO DE SOUZA**

Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

A interdisciplinaridade nos estudos da Antiguidade constitui um elemento fundamental na produção de conhecimento histórico. Os diferentes aspectos da materialidade das formas de expressões culturais humanas estudados em diferentes abordagens, sejam elas arqueológica, iconográfica, epigráfica, histórica, filológica, antropológica, filosófica, entre outras, contribuem de forma integrada para uma melhor compreensão das sociedades do mundo antigo em sua abrangência geográfica, isto é, Grécia, Roma e Península Itálica, Península Ibérica, Egito e Norte da África, Mesopotâmia, Ilhas Britânicas, Ásia Menor, Mar Negro.

Além disso, as análises da cultura material permitem a formação de docentes, pesquisadores e discentes acerca da Antiguidade, possuindo um papel social e político crucial nos contextos geopolíticos e socioculturais do presente enquanto mediador da produção de conhecimento e da construção de memórias e identidades por meio da conscientização do patrimônio histórico.

Neste Dossiê, intitulado A cultura material e suas contribuições para os estudos da Antiguidade, reunimos contribuições de discentes de diferentes níveis de formação e de áreas acadêmicas, com temas específicos que derivam de suas pesquisas pessoais ou de projetos coletivos. Seus textos trazem reflexões sobre a cultura material como fonte para a compreensão de um mundo antigo cujos assuntos cotidianos sobre ensino e educação, questões religiosas, ritualísticas e de sistemas de crenças, sobre a arte e a tecnologia, a memória e a construção de identidades estabelecem um diálogo muito consistente com o nosso presente.

Os estudos aqui apresentados remontam à Mesopotâmia do terceiro milênio e chegam ao uso do conhecimento antigo em sala de aula no ano de 2021. Entre artigos científicos, relatos de experiências docentes, propostas para o uso das tecnologias em favor da pesquisa e da educação escolar, este Dossiê participa da Revista Gaia contribuindo com as diversas seções da revista, incluindo uma entrevista.

O primeiro artigo, de Pedro Augusto Gomes, traz reflexões sobre a cultura material babilônica e seu papel no universo das crenças em Pazuzu, um espírito protetor muito popular em contextos religiosos do Médio Oriente e regiões do Levante. No artigo, o autor apresenta a diversidade de artefatos relacionados a Pazuzu para discutir as questões propriamente arqueológicas sobre material, iconografia, proveniência e contextos de achado, assim como seus usos e relações com o universo da magia e dos encantamentos, e da medicina babilônica na longa duração.

Relativo ao universo das crenças e das práticas religiosas, as atitudes em relação à morte são discutidas por Thiago Silvério Martins em seu texto sobre a *Con-*

*solatio ad Liuiam*, um texto consolatório do século I a.C. atribuído a Pseudo-Ovídio. Aqui, a discussão procura contribuir com a investigação histórica, antropológica e arqueológica dos aspectos culturais sobre a morte, ao analisar as formas em que o contexto social do morto no ambiente imperial augustano evoca símbolos de poder e promove a memória por meio de rituais de luto, das obrigações e comportamentos familiares em relação aos mortos.

As diferentes configurações identitárias e socioculturais das sociedades também podem ser compreendidas por meio da arquitetura e das esculturas materiais, como nos apresenta Lucas Malafaia Carvalhaes de Figueiredo em seu artigo: a partir do estudo comparativo dos conjuntos escultóricos clássicos e helenísticos de tradição ática e pergamena, o autor demonstra que por meio das técnicas escultóricas e das escolhas iconográficas, evidenciam-se os sistemas de valores das sociedades pois, mesmo que compartilhem repertórios míticos, as memórias coletivas recorrem a artifícios materiais e estéticos específicos para evidenciar suas particularidades.

Suporte e imagem são elementos importantes para a compreensão de diversas questões identitárias, assim como a paisagem, o espaço, a arte, entre outros. Neste sentido, o teatro promove, de maneira análoga às demais formas de *tekhné*, um veículo de conhecimento e reconhecimento social, em sistemas políticos de diferentes contextos, como nos casos analisados por Matheus Barros da Silva e Letícia Aga Pereira Passos. Autor e autora dedicam-se a discutir como a materialidade do teatro opera nos campos cultural e sócio-políticos das sociedades grega e romana: Matheus Barros procurou criar pontos de reflexão sobre os aspectos materiais e conceituais do fenômeno social e histórico que constituiu o teatro e a tragédia na Grécia do século V a.C., e Letícia Passos discutiu a importância do teatro enquanto espaço público necessário à manutenção do poder do imperador Augusto, na Roma dos séculos I a.C e I d.C.

Os artigos de Cyntia dos Santos Callado e de Mirna Xavier Gonçalves retomam a discussão iconográfica e os suportes materiais antigos em textos relativos à recepção da antiguidade na arte moderna e contemporânea: Cyntia Callado traz reflexões sobre a inspiração na iconografia vascular ática, coríntia e átula para a composição acadêmica de pintores brasileiros da Academia Imperial de Belas Artes no final do século XIX, com foco na Exposição Geral de Belas Artes de 1890. Mirna Gonçalves traça paralelos entre as práticas oraculares na antiguidade etrusca e a cartomancia, a partir de baralhos de tarô dos séculos XV e XVIII, com base em estudos de Cultura Visual e nas perspectivas teóricas e metodológicas de Aby Warburg e Georges Didi-Huberman, como os conceitos de anacronismo e a noção de progressão evolutiva como alternativa à leitura linear de imagens e da história. Ambos artigos tratam dos percursos iconográficos de obras que adaptam-se em relação aos seus contextos culturais de produção, uso e publicização.

Os próximos textos deste Dossiê apresentam os diálogos possíveis entre o conhecimento acadêmico, e a educação e ensino de História: Bruno dos Santos Menegatti traz uma discussão entre as abordagens de Cultura Visual grega e uma importante reflexão sobre a formação discente no cenário acadêmico e escolar atual, em um texto autobiográfico sobre o seu processo de aprendizado. Voltado particularmente à cultura material cerâmica, o autor discute a elaboração tradicional do corpus documental de uma pesquisa, sobretudo a composição de catálogos, e de que maneira estas ferramentas ultrapassem a pesquisa individual, mas também integrem o conhecimento em outros níveis da formação de estudantes, por meio da divulgação científica e de recursos didáticos pensados para um público não estrita-

mente acadêmico. De mesmo modo, Cleberson Henrique de Moura traz reflexões sobre a produção de recursos didáticos de diversos formatos elaborados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, entre os anos 2006 e 2019, demonstrando os esforços de grupos compostos por docentes, pesquisadores, educadores e discentes na articulação entre as pesquisas arqueológicas e a Educação, de modo a tornar público, e de forma gratuita, o conhecimento produzido academicamente.

As tecnologias atuais e o amplo acesso à Internet respaldaram as pesquisas no campo da Ciberarqueologia que, segundo Alessangro Gregori (2019, p. 51 – ver referência completa na página 171 deste Dossiê) trata de “... um conjunto de técnicas e área de estudo da Arqueologia voltada à (re)construção e interpretação de um complexo arqueológico, utilizado na interação de um usuário com um ambiente virtual [...]”. Dois textos tratam particularmente desta área do conhecimento e da articulação entre criações virtuais e o ensino: o projeto Ergane: Arqueologia Digital para a Educação, discutido coletivamente no artigo de Bruno Zanette Thomazi, João Vinícius Chiesa Back, Milena Rosa Araújo Ogawa e Vander Gabriel Camargo, e a Entrevista com Alex da Silva Martire, feita por Enzo Acosta Xavier, e que apresenta ainda o uso de video games na prática do ensino de História.

Os dois textos têm discussões muito aproximadas sobre novas formas de produção acadêmica e a extroversão de seus resultados. O projeto Ergane, desenvolvido por estudantes de universidades federais do Rio Grande do Sul, surge da preocupação em levar o resultado de pesquisas acadêmicas relativas aos campos da Educação, Arqueologia e História para o ambiente escolar, utilizando a Arqueologia Digital no desenvolvimento de estratégias para o ensino. Enzo Xavier, por sua vez, aborda outro desdobramento dos diálogos entre Realidade Virtual e Arqueologia: o Archeogaming, ou seja, o estudo de jogos digitais pela Arqueologia. Ao entrevistar o prof. dr. Alex da Silva Martire, pioneiro no Brasil na área de Ciberarqueologia e coordenador do Grupo de Pesquisa CNPq ARISE – Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas, o autor divulga não só os projetos desenvolvidos pelo professor e seus colegas de equipe, como também traz ao debate a formação em uma área de enorme potencial educativo e popular. Tratando ainda de nosso atual contexto pandêmico em que o 'novo normal' é vivido basicamente 'dentro do computador', esta entrevista discute de maneira atual e pertinente as possibilidades do conhecimento via ambientes virtuais, de realidade aumentada, e em plataformas específicas. A entrevista, ela mesma, foi feita de forma virtual.

Englobando as discussões sobre pesquisa, extroversão e publicação do conhecimento científico, e o papel fundamental do educador que habita em cada pesquisador, o artigo escrito coletivamente por Caroline Melo Armesto, Milena Rosa Araújo Ogawa e Jéssica Renata da Silva, relata os resultados de uma oficina para os estudantes do Ensino Básico, durante a XXI Jornada de História Antiga da Universidade Federal de Pelotas, evento acadêmico realizado inteiramente online. As autoras – que também integraram a comissão organizadora da Jornada e contribuíram no evento durante seus quatro meses de duração – ministraram a oficina “Mitologias ontem e hoje: cidade e games”, cujo objetivo foi construir uma ponte que viabilizasse o diálogo das mídias com o conteúdo pragmático de História Antiga, de maneira a construir o saber histórico junto dos alunos de maneira didática, e integrando-o ao cotidiano.

Vale lembrar que a seção final da revista conta com dois artigos livres: o primeiro, de Breno Coltro da Costa, tem por tema a construção da figura heroica grega nos

períodos micênico e arcaico – estudo este feito, sobretudo, a partir dos épicos homéricos *Íliada* e *Odisseia*; e também de algumas tragédias atenienses, que mostram a reverberação dos valores heroicos no período Clássico. *Ájax* e *Odisseu* são, assim, o foco do trabalho em questão, cujo resultado permite uma refinada compreensão da sociedade grega antiga no recorte escolhido.

O artigo de Dyeenmes Procópio de Carvalho, por fim, encerra o presente volume da Revista Gaïa com o instigante tema das dimensões afetivas da morte e da dor a partir, respectivamente, das consolatórias de Cícero e de Plutarco, bem como da Consolatória a *Hélvia*, de Sêneca. Outros documentos do corpus destes mesmos autores auxiliam Procópio de Carvalho a se aprofundar em seu objeto de análise. Tendo como aporte teórico o campo da História das Emoções, o texto perpassa por questões como afetos familiares, enfrentamento

do luto, contenção das emoções, dentre outras – contribuindo, assim, para enriquecer um campo da historiografia ainda pouco explorado em âmbito nacional.

Este Dossiê vem a público em um momento bastante conturbado do país. Todas as agendas de políticas públicas passam por situações muito delicadas, em especial as pastas de saúde e educação. Atropelados pela pandemia de Covid-19, profissionais das duas áreas e estudantes em formação foram diretamente afetados pelas novas condições impostas pelo risco sanitário e, conseqüentemente, pelo agravamento da situação econômica e social no Brasil. Particularmente, para o caso da educação e ensino, o isolamento social e a quarentena trouxeram desafios não previstos, embora já há muito tempo muitos docentes e pesquisadores viessem discutido e aprimorando a Educação à Distância (EAD) em diferentes instituições. À parte os profissionais que já tivessem alguma experiência nesta modalidade de ensino, a realidade é que a maioria dos educadores não foi preparada para transferir toda a sua rotina docente para o computador, e prosseguir suas funções de uma nova maneira e já não é mais suficiente discutir as dificuldades inerentes às alterações metodológicas e cotidianas e às novas relações com as ferramentas de trabalho, em conjunto com a tentativa de manter cronogramas e demais burocracias e, ainda, alunos interessados e atuantes neste contexto cheio de incertezas e medos.

Novas preocupações surgiram em relação aos papéis de docentes e discentes, ao futuro da pesquisa, ao que sobrarão após este período em que as verbas para a Educação definham a olhos vistos, prejudicando todos os níveis de ensino e pesquisa. Enquanto organizadoras deste Dossiê, e também como membros desta grande comunidade acadêmica e de ensino, perpetuamos essas indagações, mas seguimos dispostas a articular as discussões entre este universo acadêmico e o público em geral, contando com uma das mais importantes e competentes companhias para dar continuidade e encontrar soluções para muitas de nossas dúvidas: os discentes.

São os jovens pesquisadores, em formação ou já profissionais, que trazem muitas ideias inovadoras e ajudam a manter as perspectivas e o encanto em relação às suas áreas específicas de estudo. Este Dossiê é prova disso. É nesta materialidade de relações, de refinamento de conceitos e compreensão de sociedades antigas frente aos nossos desafios modernos que residem a esperança e a expectativa de sairmos todos mais capacitados após passar por momentos tão nebulosos como os de agora afinal, a História continua.

Desejamos a todas e todos boas leituras, e muita saúde.